

## **CAPÍTULO VI – CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E RECOMENDAÇÕES**

Neste capítulo irão ser apresentadas as conclusões do estudo, tendo em conta os resultados e a respectiva discussão, que apresentámos no capítulo antecedente. Adicionalmente, iremos apresentar também as limitações encontradas durante a elaboração desta dissertação, e proferir algumas recomendações para estudos futuros nesta área.

### **6.1. Conclusões**

Este trabalho foi constituído por dois momentos, mediados por uma intervenção que consistia na aplicação de actividades com um protocolo ligeiramente semelhante com o *Paralympic School Day*, adaptado. No início deste trabalho, estávamos completamente cientes das dificuldades que poderiam surgir da sua complexidade. No entanto, tratando-se de um tema bastante interessante e subdesenvolvido decidimos abraçar este projecto. Elaborámos então uma série de hipóteses com o intuito de aferir qual a influência que as variáveis (género, idade, ano de escolaridade, presenças de familiares ou amigos com deficiência, presença de alunos com deficiência na sua turma, presença de pares com deficiência na sua aula de EF, nível de competitividade, atitudes globais da EF, atitudes específicas da EF e atitudes face à alteração das regras) em estudo teriam nas atitudes dos alunos sem deficiência face aos seus pares com deficiência. Os resultados obtidos fizeram com que apenas três hipóteses fossem aceites, existindo no entanto bastantes dados que convergiram com a literatura.

Verificamos que a população alvo, se situa entre os catorze e os dezasseis anos de idade ( $M=15,35$ ;  $DP=0,570$ ), encontrando-se a maioria a frequentar o décimo ano de escolaridade ( $M=10,33$ ;  $DP= 0,470$ ).

Relativamente à amostra total a variável género não apresentou diferenças estatisticamente significativas. No entanto observámos que o género feminino

apresenta atitudes globais da EF ( $M=40,86$ ;  $DP=4,237$ ) e específicas da EF ( $M=23,94$ ;  $DP=2,494$ ) superiores que os indivíduos do gênero masculino. Refutamos então as três primeiras hipóteses, na medida em que os resultados não divergiram suficientemente entre os dois gêneros.

Relativamente à variável existência de familiares e amigos com deficiência, encontramos diferenças significativas para as atitudes específicas da EF ( $M=24,78$ ;  $DP=1,833$ ), não existindo porém, diferenças nas restantes atitudes. Corroboramos então a hipótese número cinco, refutando as hipóteses quatro e seis.

Não encontramos diferenças significativas na variável “existência de alunos com deficiência na turma”. Poderemos mesmo afirmar que, surgiram resultados inesperados, visto que não encontramos qualquer influência desta variável nas atitudes. Ao contrário do que seria esperado, os alunos que nunca tiveram um colega com deficiência na sua turma apresentaram atitudes mais favoráveis em comparação com os alunos que já tiveram. Das três hipóteses relacionadas com esta variável, nenhuma das três foi aceite, devido à inexistência de diferenças significativas.

Outra variável que se afigurou sem diferenças significativas foi a que dizia respeito ao histórico de alunos com deficiência a participar nas aulas de EF conjuntamente com alunos sem deficiência. Ao contrário do que seria esperado, os alunos que afirmaram já ter frequentado aulas de EF com alunos deficientes apresentaram valores ligeiramente superiores, não chegando porém à significância. Os resultados obtidos obrigaram-nos então a desmentir as hipóteses dez, onze e doze.

No nível de competitividade, ao contrário do que seria de esperar, os alunos que referiram ser muito competitivos apresentaram atitudes superiores, tanto para as atitudes globais da EF, como para as atitudes específicas da EF. Os alunos menos competitivos são os que apresentam atitudes mais favoráveis, apesar de as diferenças serem bastante reduzidas. As hipóteses treze, catorze e quinze foram então rejeitadas devido ao que foi referido anteriormente.

Relativamente ao segundo momento de aplicação, pudemos constatar que respeitante à variável gênero, encontramos diferenças significativas para as atitudes globais da EF e para as atitudes face à alteração das regras. Sendo

aceites as hipóteses dezasseis e dezoito, e rejeitámos a hipótese número dezassete.

Efectuámos uma comparação entre o grupo experimental e o grupo de controlo, o que demonstrou que não existiam diferenças estatisticamente significativas. Analisando os dados obtidos de uma forma mais profunda, constatamos que o grupo experimental apresenta atitudes menos favoráveis do que o grupo de controlo, sendo um resultado um pouco inesperado. Obtendo estes resultados, tivemos então de afastar as três últimas hipóteses. Do primeiro momento de aplicação (pré-teste) para o segundo (pós-teste) pudemos verificar que ocorreu um ligeiro aumento das atitudes para o grupo experimental e um ligeiro decréscimo para o grupo de controlo. Estes dados poderão significar que apesar de reduzida, a intervenção influenciou as atitudes dos alunos.

Tal como diversos autores referem, uma experiência de qualidade tem o poder de alterar favoravelmente as atitudes, o que podemos verificar que aconteceu. Os alunos ao experienciarem algumas das limitações decorrentes de uma deficiência, ao serem confrontados com tarefas destinadas à população com deficiência, alteraram positivamente as suas atitudes, pelo que afirmamos que a actividade tenha sido benéfica para os alunos. As atitudes favoráveis dos alunos sem deficiência, face à integração de alunos com deficiência, tornam-se um aspecto primordial para o sucesso da inclusão, assim como as atitudes dos próprios professores. Tratando-se os alunos sem deficiência e os professores, a “família escolar”, é necessário que estes tenham atitudes inclusivas, caso contrário, este processo terá dificuldades acrescidas para os alunos com deficiência.

## **6.2. Limitações**

Parece-nos pertinente referir algumas das dificuldades que sentimos durante a elaboração desta dissertação. Ao planear a intervenção pretendíamos que fosse extensiva a toda a população escolar, no entanto, fomos alertados que uma tarefa deste tipo poderia não ter a afluência desejada

devido a uma diversidade de razões mencionadas ao longo de toda esta mesma dissertação. A actividade consistia num evento, em que teríamos a presença de uma instituição de alunos com deficiência, o que se veio a revelar também impossível devido à incompatibilidade de horários entre a instituição e a nossa escola. Depois de analisar as contrariedades anteriormente referidas, chegámos à conclusão que a melhor forma de contornar todas estas adversidades seria aplicando a intervenção nas nossas aulas de EF. Trocámos então o tamanho da amostra, por uma intervenção de qualidade para os alunos intervenientes. Ultrapassadas as limitações na concepção da intervenção, surgiram algumas durante a mesma. A maior dificuldade que nos surgiu, esteve relacionada com a realização das actividades para os alunos que simulavam ser invisuais (Goalball). Tratando-se de uma tarefa que necessita de estímulos sensoriais, é indispensável que o local onde se realiza esteja em silêncio absoluto, o que se revela impossível num pavilhão com mais duas aulas a decorrer.

Apesar do que foi referido anteriormente, os alunos tiveram a oportunidade de experienciar algumas das actividades, sendo portanto o balanço positivo.

### **6.3. *Recomendações***

Ao finalizar uma dissertação deste género, torna-se primordial aferir quais os aspectos que foram benéficos para a sua elaboração, e aqueles que não contribuíram tão positivamente para a mesma. Explanamos então algumas recomendações para estudos futuros.

A principal recomendação está intimamente ligada com a impossibilidade que tivemos de promover uma actividade incluindo alunos com deficiência. Pensamos que uma interacção deste tipo iria influenciar de uma forma mais significativa as atitudes dos alunos. Sem a possibilidade deste contacto, os alunos experienciaram as dificuldades de ser um aluno com deficiência, não tendo porém a oportunidade de aferir as vantagens/desvantagens que podem advir da presença de uma colega com deficiência na sua equipa.

Em estudos futuros, poder-se-á adoptar uma estratégia de aplicação diferente, solicitando aos colegas de EF que dispensem uma das suas aulas, para que possamos aplicar a intervenção na(s) sua(s) turma(s). Desta forma aumentaremos substancialmente a amostra, obtendo conseqüentemente, resultados mais fiáveis e expressivos da população que pretendemos retratar.

Dever-se-á abranger um maior número de aulas, o que conferirá ao estudo um carácter mais longitudinal, permitindo também aos alunos que experienciem uma maior diversidade de tarefas, um maior número de vezes, podendo desta forma influenciar mais significativamente as suas atitudes.

Caso seja possível realizar uma tarefa com a participação de indivíduos com deficiência, poder-se-ia recorrer à utilização de meios audiovisuais para a gravação das actividades, para que posteriormente se pudessem analisar as interacções e as formas como estas são feitas.